

AS HISTÓRIAS D'OS SERTÕES: A HISTÓRIA, A CRÍTICA, O MONUMENTO

Vitor Claret Batalhone Júnior

Graduando em História / UFRGS – Porto Alegre – Brasil

Resumo: Apesar do trabalho de cunho historiográfico realizado pelo o autor, *Os sertões* é tradicionalmente classificado como reportagem ou literatura. Muitas das simplificações tipológicas estiveram vinculadas às disputas ocorridas entre os letrados brasileiros do início do século XX, principalmente no que tange à construção de uma identidade nacional. Tais literatos perceberam a obra como eminentemente literária. A busca romântica de uma essência nacional encontrou em *Os sertões* objeto privilegiado. Seu núcleo poético não limita interpretações do texto, que, ao longo da história do Brasil, sempre se abriu a leituras múltiplas vinculadas não somente às análises teóricas, mas também a embates políticos e intelectuais travados entre interlocutores e críticos. Assim, o estudo proposto contribui no sentido de analisar referido o livro sob um olhar teórico e historiográfico.

Palavras-chaves: *Os sertões*; história; monumento.

THE HISTORIES OF THE “OS SERTÕES”: HISTORY, CRITIC, AND MONUMENT

Abstract: Although the work of historiographic stamp conducted by the author, *The sertões* is traditionally classified as reportage or literature. Many of the typological simplifications were linked to disputes arising between Brazilian “intellectuals” of the early twentieth century, particularly with regard to the construction of a national identity. Such “intellectuals” realized the book as literature. The search of a romantic national essence found in *The sertões* privileged object. The text does not limit poetic interpretations of the book. Throughout the history of Brazil, it has always opened to multiple readings linked not only to theoretical analyses, but also the political and intellectual shocks between interlocutors and critics. So, the proposed study helps to analyse *The sertões* under a theoretical and historiographic point of view.

Key-words: *Os sertões*; history; monument.

A história

Os sertões é tradicionalmente classificado como um livro jornalístico ou de literatura, mas poucas pessoas têm conhecimento de que para a construção do livro, Euclides da Cunha realizou um trabalho com fontes de cunho historiográfico, baseado em seu arcabouço teórico cientificista.

A Escola Militar da Praia Vermelha formou solidamente suas bases epistemológicas segundo teorias em voga na época. Concomitantemente aos revezes políticos e militares que ocorriam no país, difundiam-se no Brasil a partir de 1850, estas vulgarmente chamadas doutrinas “cientificistas”. O evolucionismo e o positivismo, através de alguns autores como Augusto Comte, Spencer e Huxley, faziam as cabeças dos jovens estudantes da Escola Militar. Essa instituição, conhecida pelos alunos como o “Tabernáculo da Ciência”, se constituiu em terreno fértil para a difusão das idéias desses autores, criando o que podemos caracterizar como um “culto à ciência”.¹ Estar em compasso com o progresso era o que regulava as ações e os pensamentos destes jovens. Constantes, porém, eram as mesclas um pouco confusas entre cientificismo, evolucionismo e positivismo. Este emaranhado teórico culminava não raramente, na identificação de tal ideário com a figura de Comte, considerado o “pai fundador” do referido “culto”.

*O mais importante para os jovens ‘científicos’ não eram filigranas doutrinárias, e sim o espírito geral dessas doutrinas. Se havia diferenças entre os autores, estas eram minimizadas por aquilo que afirmavam em comum: a fé no progresso e na oposição de destaque devida à ciência.*²

Euclides da Cunha, enquanto um aluno de engenharia formado na Escola da Praia Vermelha não fugiu à regra. Sua forma de enxergar o mundo era fortemente condicionada pelas teorias e filosofias que apreendera nesta época de estudos. *Os sertões* estão repletos de referências a esses autores, devendo-se incluir ainda alguns especialmente caros a Euclides, como Gumplowicz, Henry Buckle ou Taine. As teorias “cientificistas” que

¹ CASTRO, Celso. **Os militares e a república: um estudo sobre cultura e ação política**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995, p.43.

² Idem, p.73.

formaram o arcabouço epistemológico de nosso autor moldaram não apenas sua forma de enxergar a realidade, mas também de construir seus objetos de observação e estudo.

Em 29 de julho de 1897, Júlio Mesquita, editor do jornal *O Estado de São Paulo*, enviou um telegrama ao então presidente da República Prudente de Moraes, para solicitar que Euclides fosse enviado rumo a Canudos como adido ao estado-maior do Ministro marechal Machado Bittencourt.³ O pedido foi prontamente atendido.

Euclides nunca havia pisado sobre o chão do sertão, mas, antes de embarcar rumo ao palco da guerra, ele havia escrito o artigo *A Nossa Vendéia* publicado n' *O Estado de São Paulo* descrevendo a geografia sertaneja, e para isso, realizou alguns estudos sobre seu objeto. Ele fez questão de deixar claro no corpo de seu texto, as fontes a que recorreu, embora sem fazer referências mais concretas. Ele cita “os trabalhos do ilustre professor Caminhoá”, as “observações de Martius e Saint-Hilaire”, ou ainda “a expressão sempre elegante de Humboldt”,⁴ assim como o médico escocês explorador da África, o senhor Livingstone.⁵ Era pouco o conhecimento que Euclides possuía de seu objeto

Mas ele seguiu para o campo da luta, levando maior conhecimento da natureza e do homem do sertão do que aquele que possuía ao tempo dos seus artigos. É que, ainda em São Paulo, Teodoro Sampaio lhe dera minuciosas informações acerca das terras distantes de Canudos, por onde [Sampaio] viajara longamente em 1878, em companhia de Milnor Roberts. Também de Teodoro Sampaio recebera um mapa do vale superior do Vaza-Barris, então pouco conhecido.⁶

No dia 3 de agosto de 1897, a bordo do navio *Espírito Santo* da Marinha nacional, Euclides embarcou rumo à terra de seu pai, a Bahia. Chegando em Salvador, sua Bizâncio retrógrada, ele se hospedou no casarão de seu tio José Pimenta da Cunha, lá permanecendo por vinte e quatro dias. Durante esse período Euclides visitou arquivos, observou a cidade, os comboios que iam e vinham de Canudos, escutou os rumores da guerra que corriam

³ GALVÃO, Walnice Nogueira In: CUNHA, Euclides da. **Diário de uma expedição**. Organizado por Walnice Nogueira Galvão. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p.13.

⁴ CUNHA, Euclides da. **Diário de uma expedição**. Organizado por Walnice Nogueira Galvão. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, pp.43-45.

⁵ Idem.

⁶ RABELLO, Sylvio. **Euclides da Cunha**. Coleção Grandes Biografias. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1946, p.90.

entre a população e as ameaças de Restauração Monárquica, que os meios de comunicação da época, faziam circular de forma não desinteressada. Recolheu informações de militares e visitou os hospitais da campanha. Também entrevistou muitas testemunhas da guerra, fossem elas soldados ou jagunços, atestando grande credibilidade a essas fontes.⁷

Depois de ter vivido quase um mês na casa de seu tio em Salvador, Euclides partiu a bordo de um trem, no dia 30 de agosto, rumo a Canudos. Quando chegou a um “pequeno e atrasado” “arraial obscuro”,⁸ Queimadas, um novo universo se abriu ao autor. Ao mesmo tempo, o limite do dizível se fazia sentir com toda sua intensidade – Euclides nunca havia estado para além daquele ponto:

Mais abaixo, caindo para a direita, uma vereda estreita e sinistra – a estrada para Monte Santo. Percorri-a, hoje, pela manhã, até certa distância, a cavalo, e entrei pela primeira vez nas caatingas, satisfazendo uma curiosidade ardente, longamente alimentada. Um quadro absolutamente novo; uma flora inteiramente estranha e impressionadora capaz de assombrar ao mais experimentado botânico. De um sei eu que ante ela faria prodígios. [. . .] nunca lamentei tanto a ausência de uma educação prática e sólida e nunca reconheci tanto a inutilidade das maravilhas [sic] teóricas com as quais nos iludimos nos tempos acadêmicos.⁹

Sua formação de engenheiro pouco o havia ajudado a entender aquela paisagem. Realidade e teorias não se encaixavam perante o juízo da experimentação direta do sertão. Euclides aproveitou esse dia para recolher testemunhos e estudar a flora e o solo da região. Queimadas era a porta para um outro mundo, para uma alteridade brusca e agressiva: “a separação social completa dilatava a distancia geográfica”.¹⁰

O sertão ainda era totalmente regido segundo o tempo da natureza, e seus habitantes conheciam poucas necessidades além daquelas da sobrevivência. O sertanejo era para nosso autor, acima de tudo um bárbaro e um selvagem, um *outro* alheio ao mundo que Euclides considerava melhor e mais verdadeiro. Destarte, o primeiro choque de Euclides é com a alteridade do cenário da guerra e de suas personagens: um lugar parado no tempo da

⁷ Idem, pp. 92-98, 100-104, 140.

⁸ Reportagem de Queimadas, 1º de setembro. CUNHA, Euclides da, op. cit., p.132.

⁹ Idem, p.134.

¹⁰ RABELLO, Sylvio, op. cit., p.106.

natureza, um lugar que não acompanhou a *evolução*, o *progresso* da civilização e que pode ser comparado à Idade Média opulenta de Bizâncio contra a moderação e a sobriedade dos tempos modernos; um homem fanático e ingênuo, que ainda não aprendeu as lições que a civilização e a ciência têm a oferecer a seus devotos. O sertão para nosso autor é acima de tudo ruína. Ruínas de um passado colonial de traços ibéricos, mas que até então ninguém havia percebido, pelo menos ninguém da civilização.¹¹

No dia 4 de setembro, Euclides partiu para Monte Santo, aonde chegou enfim a 7 do mesmo mês e permaneceu por mais cinco dias. Chegou em Canudos apenas no dia 16 de setembro. No dia 25, Euclides assistiu através de binóculos, da sede da comissão de engenharia, ao fechamento do cerco ao arraial que havia começado no dia anterior. Seriam as piores cenas que veria em sua vida, desejando que aquilo tudo logo acabasse.¹²

Durante os dias que permaneceu em Canudos, Euclides recolheu mais material para seu livro, anotando modismos sertanejos, observando fatos, estudando flora, fauna e solo da região, a geografia, a temperatura, a pressão e altitudes de vários pontos, “todas elas, preocupações do correspondente que planejava já o livro que não fosse um simples relato da campanha, mas um amplo estudo sobre a natureza e o homem dos sertões nordestinos”.¹³ Na manhã do dia 28, acompanhando o Estado-Maior, Euclides fez um “passeio” arraial adentro, comparou-o a uma necrópole antiga, cheia de mortos. Agravou-se nesse momento o sentimento de repulsa e cumplicidade para com a “barbárie republicana”, com a qual até então ele compactuara. Canudos se tornara um marco na vida de Euclides.¹⁴ No dia 17 de outubro, ele iniciou sua jornada de volta à “civilização”.

Ao retornar, apressou-se em iniciar o que seria o grande projeto de sua vida – seu “Livro Vingador” – como forma de não perder seu testemunho nas colunas do *Estado de São Paulo*. Euclides pediu licença de seu emprego para se recuperar do desgaste da viagem. Ele foi para a fazenda Trindade de seu pai, em Belém do Descalvado, e lá começou a reunir mais material, assim como a organizar os que já possuía para dar início à escrita de seu livro, que deveria ser uma história da campanha de Canudos e uma geografia dos sertões.

¹¹ DECCA, Edgar Salvadori de. **Literatura em ruínas ou ruínas na literatura?** In: BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia (org.). **Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível**. Campinas: Editora da Unicamp, 2001, p.153.

¹² RABELLO, Sylvio, op. cit., pp.110-121.

¹³ Idem, p.126.

¹⁴ Ibidem, pp.127-137.

Ficou em Trindade entre 2 e 3 meses, trabalhando arduamente sobre seu futuro livro.¹⁵ Nesse período, contou com a colaboração fundamental de seu amigo Teodoro Sampaio, “o mais valioso colaborador de Euclides, nessa fase preparatória de seu livro”.¹⁶ Sampaio abriu a ele sua biblioteca, leu esboços, criticou, forneceu materiais e idéias, além de testemunhos.

Era difícil para o autor conciliar seu trabalho de engenheiro à escrita de sua futura história da guerra de Canudos. Mas em 1896 a sorte bateu à sua porta: uma ponte mal construída em São José do Rio Pardo caiu. Euclides foi então designado como supervisor da reconstrução dessa ponte. Desta forma, ele teve três anos para se dedicar quase que exclusivamente a *Os sertões*.¹⁷ Francisco Escobar, outro importante colaborador, foi amigo e confidente, abriu-lhe também sua biblioteca, ajudou-o em pesquisas bibliográficas e em traduções do latim, o qual Euclides nunca aprendeu. “Foste o meu melhor colaborador de *Os Sertões*, neste ermo de São José do Rio Pardo”,¹⁸ diria Euclides sobre seu inestimável amigo.

Ao longo de *Os sertões*, Euclides ainda afirmaria constantemente que estava escrevendo a história da guerra de Canudos para que as atrocidades cometidas não fossem esquecidas jamais. Não foi em vão ter-se comparado a Tucídides na “Nota à 2ª Edição”.¹⁹

A crítica

Em 1901 Euclides terminou seu “Livro Vingador”, e apesar das dificuldades para editá-lo, conseguiu que a livraria Laemmert publicasse o em 1902, embora não sem alguma relutância.²⁰

Apesar de todo seu esforço e cuidado com uma escrita apropriada, antes que *Os sertões* fosse publicado Euclides corrigiu obsessivamente os erros gramaticais, temendo que qualquer “meninote erudito” ou “terríveis gramatiqueros” o criticassem com

¹⁵ Ibidem, pp.138-143.

¹⁶ Ibidem, p.147.

¹⁷ Ibidem, p.148-158.

¹⁸ Ibidem, p.158.

¹⁹ “E se não temesse envidar-me em paralelo que não mereço, gravaria na primeira página a frase nobremente sincera de Tucídides, ao escrever a história da guerra do Peloponeso – porque eu também embora sem a mesma visão aquilina, escrevi [. . .]”. CUNHA, Euclides da. **Os sertões: campanha de Canudos**. Edição, prefácio, cronologia, notas e índices de Leopoldo M. Bernucci. 2ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002, p.784.

²⁰ RABELLO, Sylvio, Op. cit., p.161.

severidade, lembrando ainda que “disseram também que o Victor Hugo não sabia francês”.²¹ Por não ser um autor passível de reconhecimento na época do lançamento de seu livro, a crítica inspirava-lhe muito medo, tanto que aturdido pela futura recepção e crítica de sua obra, ele saiu a esmo por oito dias pelo interior de SP, fugindo da pressão que ele se auto-imprimia.²² Entretanto, as críticas não se pareceram com o monstro que Euclides tanto projetara e temera.

José Veríssimo exaltou as qualidades literárias de *Os sertões* em crônica ao *Correio da Manhã*, usando classificações como geógrafo, geólogo, etnógrafo, filósofo, sociólogo, historiador, poeta, romancista, artista, para descrever o gênio de Euclides.²³ Araripe Júnior fez questão de destacar sua “elevação histórico-filosófica” assim como seu “talento épico-dramático”.²⁴ Muitos críticos consideraram Euclides como aquele que integrou dois países distintos, organizando uma estrutura de nacionalidade, ao mesmo tempo em que conseqüentemente fixava uma literatura nacional. Era o “estilo tropical”²⁵ que estava em jogo para Araripe Júnior, José Veríssimo, Silvio Romero e companhia.

Esses críticos de formação bacharlesca romântica estavam engajados na construção da nacionalidade brasileira, mesmo que em meados finais do século XIX e início do XX, o romantismo tenha sofrido grande rejeição, no que podemos denominar de “virada anti-romântica”. Assim, introduzia-se no país o naturalismo, o evolucionismo, o “cientificismo”, carregando consigo as noções de *raça* e *natureza* igualmente caras aos homens letrados do Brasil em busca de sua nacionalidade.²⁶

A partir de 1870 surge o debate romântico sobre os fundamentos da literatura e cultura brasileira em oposição ao passado colonial.²⁷ Mas eis que surge uma grande questão a estes homens de letras detentores de arcabouço teórico e epistemológico de matriz européia: como pensar uma essência nacional com sua mestiçagem de raças, sua natureza “opressora”, segundo os parâmetros europeus, e uma cultura de traços coloniais bastantes

²¹ Idem, p.164-165.

²² Ibidem, pp.168-169.

²³ Ibidem, p.181.

²⁴ Ibidem, p.183.

²⁵ A expressão “estilo tropical” é referência ao título da obra de Roberto Ventura posteriormente citada. VENTURA, Roberto. **Estilo Tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil, 1870-1914**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

²⁶ Idem, p.11-12.

²⁷ Ibidem, p.13.

fortes, à luz de teorias que não correspondiam diretamente aos objetos pretendidos, mas sim às realidades européias diversas? Neste período de polêmicas e debates públicos entre tais personagens, a confusão entre cultura, literatura e história estava posta.

Recorreu-se, portanto, à exuberância do meio e à mestiçagem de raças – mesmo com os problemas que isso acarretaria – para justificar uma possível literatura nacional lastreada numa idéia de tropicalidade.²⁸ O clima quente favoreceria, segundo Araripe Júnior, uma escrita repleta de emoção e sensualismo contraposta à fria e decadente literatura européia, representante de uma sociedade distante de sua Antigüidade ilustre. Pelo menos era isto que Araripe e demais letrados brasileiros tentavam demonstrar. Os trópicos, apesar de “limitados”, representavam a nova alternativa de estilo. Como bem escreveu Roberto Ventura: “A crítica e a história literárias brasileiras foram marcadas, até 1910, pelas noções de *raça e natureza*. *As origens do ‘estilo’ literário eram atribuídas à ação diferenciadora do meio ambiente ou da mistura étnica*”.²⁹ Não ter um *estilo* significava paradoxal mas não irracionalmente para estes ilustres senhores, não comungar com o modelo normativo de *cultura e civilização* européia vigente que tentavam de alguma maneira burlar ou negar.

É que “A essência da atividade cognitiva do século XIX é [por excelência] a projeção”.³⁰ Era essencial enxergar no Brasil vestígios da civilização européia ocidental para integrar a marcha da civilização, mesmo que sob graves equívocos e denegações teórico-epistemológicas. Essa matriz cultural não estava necessariamente em questão: substituíria-se em verdade, uma herança européia colonial por outra mais moderna.

E para tal embate *Os sertões* caiu como uma luva a seus críticos, uma vez que Euclides tentou delimitar à luz de teorias científicas da moda, o “cerne”, a “rocha viva” de nossa nacionalidade, materializando-a no “Hércules-quasímodo” sertanejo moldado pelo sertão. O fato de que logo na “Nota Preliminar” o autor atestasse o fim inexorável de nosso cerne nacional em função das leis de “evolução racial”, provocada pela mestiçagem

²⁸ Ibidem, p.17.

²⁹ Ibidem, p.18.

³⁰ MANDELSTAM *apud* LIMA, Luiz Costa. **Terra Ignota: a construção de Os Sertões**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997, p.151.

inevitavelmente negativa,³¹ deve ter possivelmente passado despercebido a todos estes indivíduos pouco afeitos ao verdadeiro exercício da crítica.

Determinar a essência nacional de uma população mestiça através de leis deterministas e evolucionistas que pautavam a mestiçagem como degenerativa: essa era a contraditória aporia, fruto dos resquícios românticos destes críticos d'*Os sertões*.

O monumento

Ao tentar explicar e compreender a nação brasileira em *Os sertões*, Euclides fez uso de um repertório teórico elaborado para outra realidade, no caso realidades européias que não se assemelhavam diretamente à sua experiência direta do sertão e de Canudos, criando impasses teóricos não resolvidos.³² Entretanto, como sugere Berthold Zilly, “Um dos significados essenciais do livro consiste, certamente, em contribuir para um melhor conhecimento dos sertanejos e para sua incorporação na nação brasileira”.³³ Euclides realiza assim tal intento através de um livro de história.

Antes que os críticos ataquem, é preciso pensar que além de todo trabalho realizado pelo autor, pensado enquanto uma construção historiográfica, a distância espaço-temporal do sertão permitia que, segundo as concepções teórico-epistemológicas do autor, fosse possível a ele escrever uma história de Canudos no sentido mais tradicional da palavra,³⁴ uma vez que o sertão estava além de distante no espaço, também distante no tempo evolutivo que regia o conceito de história progressista do século XIX e início do XX e o qual Euclides compartilhava.

Euclides procurou esgotar sua interpretação da realidade sertaneja e da guerra de Canudos, não o conseguindo em função de seus impasses teóricos. Costa Lima demonstrou muito bem em seu *Terra Ignota* (1997), como Euclides utilizou de um texto mais literário para denegar tais impasses de seu exercício intelectual científico.

³¹ CUNHA, Euclides da. **Os sertões: campanha de Canudos**. Edição, prefácio, cronologia, notas e índices de Leopoldo M. Bernucci. 2ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002, pp.65-67.

³² LIMA, Luiz Costa, op. cit..

³³ ZILLY, Berthold. **A Guerra de Canudos e o imaginário da sociedade sertaneja em Os sertões, de Euclides da Cunha: da crônica à ficção** In: CHIAPPINI, Ligia & AGUIAR, Flávio Wolf de (Orgs.). **Literatura e história na América Latina**. São Paulo: Edusp, 1993, p.43.

³⁴ Não nos esqueçamos também da comparação a Tucídides já abordada.

O sertão, no fundo, para ele é o inexplicável. E também no fundo a ciência também não tomou conta do sertão. Em cada página quase, há uma frase onde ele praticamente capitula como cientista diante das dificuldades de explicação, dos processos e da realidade do sertão; e então começa o processo de tornar “literário”, aí ele diz: “uma miragem etc.”³⁵

Euclides também diz para sustentar sua narração mais essencialmente literária, que aquilo que está descrevendo foi visto por ele próprio: é o poder da autópsia, de um *eu* narrador que enuncia e atesta seu discurso em função de ter visto, de ter ouvido. Mas acontece que assim sua história pretensamente “real”, “verdadeira”, segundo as necessidades de veracidade do “cientificismo” do século XIX, cai por terra abaixo, e se torna aos olhos dos críticos, literatura. Euclides sai do domínio da verdade dura da ciência para se enamorar com a verdade supostamente mais livre do discurso ficcional.

No entanto, esquecemos que “Sem recursos ficcionais não é possível tornar evidente e plausível uma época, uma classe social, um acontecimento, uma pessoa”.³⁶ Não sugiro aqui a defesa de um ficcionalismo histórico desenfreado, mas, sim, que o que podemos retirar das fontes é um núcleo duro de verdade, esse mesmo questionável, a ser modelado pelo historiador ou literato, segundo suas concepções teórico-epistemológicas concretizadas em uma narrativa coerente. Não nos esqueçamos que as fontes possuem poder de veto.

A esse respeito sejam permitidas duas considerações relevantes do ponto de vista da teoria do conhecimento: o conteúdo factual estabelecido ex post aos eventos investigados nunca é idêntico à totalidade das circunstâncias passadas, supostamente tomadas como reais naquele momento. Todo evento investigado e representado historicamente nutre-se da ficção do factual, mas a realidade propriamente dita já não pode mais ser apreendida. Com isso não se quer dizer que o evento histórico seja estabelecido com cuidado ou de maneira arbitrária, uma vez que o controle das fontes assegura a exclusão daquilo que não deve ser dito. Mas esse controle não prescreve aquilo que deve ser dito. Pode-se considerar que o historiador, de

³⁵ ZILLY, Berthold. **A Guerra de Canudos e o imaginário da sociedade sertaneja em Os sertões, de Euclides da Cunha: da crônica à ficção** In: CHIAPPINI, Ligia & AGUIAR, Flávio Wolf de (Orgs.). **Literatura e história na América Latina**. São Paulo: Edusp, 1993, p.69.

³⁶ Idem, p.38.

*um ponto de vista negativo, está sujeitado pelos testemunhos da realidade passada. Por outro lado, de um modo positivo, quando interpreta um evento a partir das fontes, ele se aproxima daquele narrador literário que se submete à ficção contida nos fatos para tornar mais verossímil sua narrativa.*³⁷

Assim é possível que sucessivas interpretações e reinterpretções de realidades históricas sejam construídas através de narrativas. São as variações de interpretações que possibilitam a uma obra sua permanência histórica, pois a importância dos fatos narrados depende das questões propostas por um autor.³⁸ A história só é realizada no presente do historiador, antes existe apenas o passado.

Desta forma, fica ligeiramente mais claro entendermos porque uma obra como *Os sertões* é marcada por este fôlego interpretativo quase infindável, tendo sido atualizada, interpretada, desde seus críticos contemporâneos, como Veríssimo e Araripe, até ao Estado Novo com suas campanhas editoriais para promover a obra, principalmente entre público escolar. Foi principalmente no Estado Novo de Vargas que tivemos a grande difusão de *Os sertões* e a construção da imagem de Euclides enquanto “um dos grandes escritores nacionais”.³⁹

Euclides registrou em seu livro toda uma base de interpretação de sua realidade nacional – ele mostrou as contradições de sua época, assim como as suas próprias de homem letrado brasileiro de final do século XIX e início do XX, empenhado em estabelecer uma identidade sócio-cultural para o Brasil – mas não fechou esta interpretação por causa de sua insuficiência ao tentar resolver impasses teórico-epistemológicos recorrentes na sua atividade de historiar, e de fazer ciência sobre o sertão e o sertanejo. As brechas interpretativas foram então utilizadas por seus críticos e leitores com grande liberdade, e “*Os sertões* [pode figurar] como o grande livro nacional, isto é, como **patrimônio**⁴⁰ e ‘símbolo nacional’”.⁴¹

³⁷ KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado, Contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto/Ed.PUCRJ, 2006, p.141.

³⁸ KOSELLECK, Reinhart. **historia/Historia**. Madri: Editorial Trotta, 2004, p.118.

³⁹ ABREU, Regina. **O enigma de Os Sertões**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998, p.22.

⁴⁰ Grifo meu.

⁴¹ Idem, p.20.

Para ele, [Euclides] era importante reconhecer-se enquanto engenheiro, enquanto construtor de obras vitais para a modernização das pequenas cidades por onde passava, contribuindo, desse modo, para a construção da nação republicana que ele tanto idealizara.⁴²

A maior obra que Euclides deixou à sua nação republicana não foi uma ponte qualquer em São José do Rio Pardo, mas, sim, sem espaço a dúvidas, a construção de seu *Os sertões*. Muito mais do que uma fotografia do Brasil focalizada pela ocular científica do engenheiro, esse livro foi uma radiografia. Não apenas representação da nação, mas a construção de um esboço-esqueleto que permitiu múltiplas releituras de seu texto. A todos é plausível enxergar na obra uma estrutura de nação. Entretanto, o que cada indivíduo observa para além da radiografia, depende do anteparo utilizado. Mas isto, bem, isto já é outra história.

Referências

- ABREU, Regina. **O enigma de Os Sertões**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- CASTRO, Celso. **Os militares e a república: um estudo sobre cultura e ação política**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.
- CUNHA, Euclides da. **Diário de uma expedição**. Organizado por Walnice Nogueira Galvão. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- _____. **Os sertões: campanha de Canudos**. Edição, prefácio, cronologia, notas e índices de Leopoldo M. Bernucci. 2ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.
- DECCA, Edgar Salvadori de. **Literatura em ruínas ou ruínas na literatura? In: BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia (org.). Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível**. Campinas: Editora da Unicamp, 2001, pp.149-173.
- KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado, Contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto/Ed.PUCRJ, 2006.
- _____. **historia/Historia**. Madri: Editorial Trotta, 2004.
- LIMA, Luiz Costa. **História. Ficção. Literatura**. São Paulo: Companhia das letras, 2006.
- _____. **Terra Ignota: a construção de Os Sertões**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

⁴² Ibidem, p.100.

RABELLO, Sylvio. **Euclides da Cunha**. Coleção Grandes Biografias. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1946.

VENTURA, Roberto. **Estilo Tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil, 1870-1914**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

ZILLY, Berthold. **A Guerra de Canudos e o imaginário da sociedade sertaneja em Os sertões, de Euclides da Cunha: da crônica à ficção** In: CHIAPPINI, Ligia & AGUIAR, Flávio Wolf de (Orgs.). **Literatura e história na América Latina**. São Paulo: Edusp, 1993, p.37-73.